

O CONTINENTE AFRICANO E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL NO BRASIL

THE AFRICAN CONTINENT AND THE FORMATION OF SOCIAL CONSCIOUSNESS IN BRAZIL

Amauri Mendes Pereira

Professor adjunto do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, autor de diversas obras sobre Políticas de Ações Afirmativas e Militante da causa no Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro/Brasil.
E-mail: amauripereira1@uol.com.br .

Lis Rejane Lopes Dutra Dias

Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atuando no Setor de Residência Estudantil, é interessada em Políticas de Permanência no Ensino Superior e de Ações Afirmativas, Seropédica, Rio de Janeiro/Brasil. E-mail: lispedauftrj@hotmail.com

Resumo:

Não é comum encontrar um livro brasileiro sobre algum país do Continente Africano. Conhecemos sobre o apartheid, porém temos poucas notícias fieis sobre África. O mais comum são informações romantizadas, sem contexto e até omitidas. Porém, o que perdemos ao não pensar e divulgar ideias e informações de África? Muitos dos ideais não foram calados pela violência sofrida ao longo de séculos, como o tráfico, a dominação, as guerras! Ocorreu uma forte luta de resistência contra a exploração, opressão e menosprezo! No Brasil, por exemplo, temos as Leis 10639/03 e 11645/08, porém suas reais implementações ainda exigem muito esforço, amplitude, densidade e estudo. Quais são as figuras históricas que os estudantes vislumbram nos bancos escolares? Qual parte do mundo é estudada em livros de história? É preciso trazer heróis negros da luta pela libertação dos países africanos, é preciso que nossos jovens possam se reconhecer em fatos históricos importantes e, principalmente, possam valorizar tais figuras e se valorizar conjuntamente. É deixando de ser hospedeiro de uma cultura racista que nos tornamos antirracistas!

Palavras-chave: Continente Africano; Consciência Social; Lutas de Libertação; Autoimagem da População Negra; Autorreconhecimento e Valorização.

Abstract:

It is not common to find a Brazilian book about any country on the African continent. We know about apartheid, but we have little faithful news about Africa. The most common is romanticized information, without context and even omitted. But what do we lose by not thinking about and disseminating ideas and information from Africa? Many of the ideals have not been silenced by the violence suffered over centuries, such as trafficking, domination, wars! There was a strong struggle of resistance against exploitation, oppression and contempt! In Brazil, for example, we have Laws 10639/03 and 11645/08, but their actual implementations still require a lot of effort, amplitude, density and study. What are the historical figures students glimpse in school benches? What part of the world is studied in history books? It is necessary to bring black heroes of the struggle for liberation of African countries, it is necessary for our young people to recognize themselves in important historical facts and, above all, to value these figures and to value themselves together. It is by ceasing to host a racist culture that we become anti-racist!

Keywords: African continent; Social consciousness; Liberation fights; Self Image of the Black Population; Self Recognition and Appreciation.

Introdução

Este trabalho aborda a importância de estudos sobre a história da África e da educação para as relações etnicorraciais em uma perspectiva de valorização da cultura do Continente Africano, seus representantes políticos e do autorreconhecimento de estudantes de graduação e educação básica, descendentes da diáspora, em características positivas pouco abordadas (ou não abordadas) nos currículos escolares, de forma a valorizar perante a sociedade sua própria imagem e a facilitar a construção de seu protagonismo como sujeitos de sua própria história, mostrando que o tema história da África ainda não é encontrado ou é pouco encontrado em livros didáticos.

Começamos a pensar neste trabalho ao ler sobre a Revolução Sul-Africana e o apartheid, notando como homens e mulheres negros eram relegados à segundo plano em sua própria terra, separados em bantustões¹ ou favelas, em condições de degradação humana em seu próprio local de origem! A partir de então, refletimos sobre os homens e mulheres negros descendentes da diáspora, sobre o que é ensinado a eles atualmente, sobre como encontram (se encontram) seu lugar no Brasil. E esbarramos na valorização de características do Continente Africano como forma de promoção de igualdade etnicorracial em nosso país.

Ao procurar sobre o tema “história da África” em livros atuais do Ensino Médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático 2018², nos deparamos com obras que trazem informações superficiais, até romantizadas sobre o Continente Africano, não contribuindo significativamente para uma boa formação sobre o assunto na Educação Básica. As informações encontradas geralmente são baseadas na época do colonialismo e do imperialismo, e, quando abordam temas de independência de alguns povos, o fazem tratando-os como coadjuvantes de seu próprio enredo.

Quando buscamos o tema no Ensino Superior, ainda pode ser considerado pequeno o número de publicações com informações fiéis que são compartilhadas com estudantes e pesquisadores iniciantes³. Pode-se afirmar que a descontextualização de ideologias é latente, contribuindo para a produção de visões equivocadas sobre o Continente Africano e sua realidade atual.

¹ PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *A Revolução Sul-Africana*. São Paulo: UNESP, 2012.

² BRASIL, Ministério da Educação, *Programa Nacional do Livro Didático Para o Ensino Médio*. Brasília: 2018. Disponível em www.fnde.gov.br/pnld-2018/

³ COSTA, R. EUGÊNIO, B. O Ensino de história da África e a produção acadêmica: o que dizem as revistas de Ensino de História no período 2003-2017? *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*. Mossoró, v.4, n. 11, 2018.

Berço da humanidade; Continente escravizado, segregado; População alegre; Pobreza extrema; Países agrários; Natureza esplêndida: são ideias que permeiam nosso imaginário, porém não apenas isto. Segundo Costa e Eugênio⁴ “Ainda é comum, no imaginário popular, a associação da África a uma imagem mítica ou uma ‘África’ de savanas”. Onde estão registradas a riqueza cultural, as lutas, os heróis históricos, a ancestralidade, os costumes, a resistência, a resiliência, a vida política e tantas outras riquezas?

Historicamente, nos bancos escolares, aprendemos sobre uma África menosprezada, explorada e desvalorizada. Suas riquezas não são sequer citadas, principalmente sua riqueza cultural. E talvez por isto temos discentes que se surpreendem ou até não se reconhecem (ou se valorizam) enquanto pertencentes aos descendentes da diáspora quando entramos em uma abordagem de educação para as relações etnicorraciais.

Menosprezo x Valorização

Uma das maneiras de cercear os direitos da população negra foi através do menosprezo, caracterizando-a como inferior em seus próprios países! Um dos regimes segregacionistas mais conhecidos e talvez mais recentes seja o apartheid⁵.

Conhecendo tal tática de cerceamento, podemos inferir que a valorização de pontos positivos em África possa servir como ponto de partida para o despertar consciente de um autorreconhecimento de discentes afrodescendentes como pertencentes à este rico mundo cultural, ancestral, de lutas, de resistência e de resiliência.

Assim começamos a pensar na inclusão real de nomes nos currículos como os de Mandela na Revolução Sul-Africana, Du Bois e o Pan-Africanismo, Agostinho Neto como primeiro presidente de Angola, Amílcar Cabral e a luta pela independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde, Samora Machel como primeiro presidente de Moçambique, para citar alguns exemplos, dentre vários presentes nas lutas políticas de independência e luta por direitos.

Valorizar a trajetória de figuras negras é crucial para que o discente negro reconheça em si valores e princípios e possa se autoafirmar como cidadão.

Os currículos tratam o tema de forma a homogeneizar o Continente Africano, mostrando o homem negro como subserviente, conformado e até “bestializado”⁶. Desta forma, na história do Brasil, constam como coadjuvantes, inferiorizados.

⁴ COSTA e EUGÊNIO, 2018, p 299.

⁵ PEREIRA, 2012.

⁶ COSTA e EUGÊNIO, 2018, p.301.

Como espaço privilegiado de produção e discussão de conhecimento, a escola e a universidade podem e devem desempenhar o papel de valorização e não o de menosprezo da história da África e também das relações etnicorraciais. Há movimentos progressistas no Brasil que foram originados no Continente Africano, como respeito aos direitos, igualdade entre homens e mulheres, liberdade de pensamento e humanidade que sequer são citados⁷.

Ao pensar no Pan-Africanismo, por exemplo, Du Bois refletia sobre uma África unida, lutadora e revolucionária. Opositorado-se ao colonialismo sofrido. Entretanto, pouco é abordado sobre o assunto nos livros de História e nos bancos escolares.

Figuras importantes para a história do Brasil como Chiquinha Gonzaga, Castro Alves e Machado de Assis são ensinados por seus grandes feitos e retratados como pessoas brancas e não pardas ou mestiças! Desprestigiando, além de suas presenças na luta pela igualdade, suas origens! Ou seja, apenas seu legado importa e não suas características.

Por que tais personalidades são representadas com características brancas? Por que somente há pouco tempo suas bibliografias foram, de alguma forma, divulgadas? Há muito que se pensar sobre o assunto.

O combate ao racismo e à exclusão abrange discussão muito mais aprofundada, que vai além de uma matriz escravizada que originou importantes figuras e cujos traços de ancestralidade são omitidos nos livros de história do Brasil.

Antes mesmo do Iluminismo

Aprendemos nos bancos escolares sobre nomes como Descartes, Locke, Newton, Hume, Voltaire, Kant, dentre outros. Entretanto, há pesquisadores em países africanos, como é o caso de Zera Yacob⁸ que não são citados.

Yacob viveu entre 1599 e 1692, e para Herbjornsrud “muitos dos ideais mais elevados do Iluminismo foram concebidos e resumidos por um homem que trabalhou sozinho em uma caverna etíope de 1630 a 1632”⁹. E Yacob não consta no currículo de História. Um homem negro, africano, que pensou e refletiu sobre igualdade, que não teve seu lugar de destaque nos currículos.

⁷ HERBJORNSRUD, D. Os africanos que propuseram ideias iluministas antes de Locke e Kant. *Ilustríssima* – Coluna do Jornal Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/12/1945398-os-africanos-que-propuseram-ideias-do-iluminismo-antes-de-locke-e-kane.shtml; KAH, H. K. Kwame Nkrumah e a visão Pan-Africana: entre a aceitação e a rejeição. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v.5, n. 9, p. 150-177 jan-jun, 2016.

⁸ HERBJORNSRUD, 2017.

⁹ HERBJORNSRUD, 2017, p 2.

Locke, Voltaire, Hume e Kant¹⁰ defendiam a supremacia branca, enquanto Yacob e também o ganês Amo, defendiam que homens e mulheres eram iguais, dando origem ao que hoje conhecemos como movimento feminista.

O que é a visão Pan-Africana? O que os livros não abordam...

Para Kah¹¹, mais que um movimento de união entre negros de todo o mundo, “o Pan-Africanismo se tornou o pilar de luta pela independência de Gana e de outros países, bem como pela unidade política do Continente”.

Sendo¹² “uma resposta à opressão racista e sexista e à exploração econômica de afrodescendentes”, o conceito de Pan-Africanismo dificilmente é abordado na Educação Básica.

Para Kwane N’krumah¹³, por exemplo, a partir do ideal pan-africanista a África poderia harmonizar suas correntes culturais e estabelecer a liberdade e o respeito entre os povos sem interferências externas, conferindo personalidade ao Continente, além de integração, já que o imperialismo e o colonialismo o haviam dividido.

O ideal de inferioridade trazido pelo colonialismo e imperialismo tenta se colocar à frente do ideal pan-africanista, tentando mostrar que os estilos de vida e culturais brancos, assim como a divisão econômica e geográfica, devem ser os promovidos como corretos.

Por que não valorizar o Continente Africano e suas diferentes divisões e tradições? Por que não mostrar que devemos muito da história e costumes atuais à história da África? Seria desvelar tais assuntos uma abordagem contra o preconceito e de combate ao racismo, tomadas como atitudes tão engajadas e militantes? Ficam as discussões...

É verdade que ainda há a discussão sobre o Pan-Africanismo não ter surgido em terras africanas, porém, em sua essência, não o podemos descaracterizar como movimento de união e integração entre os povos do Continente Africano.

Será mesmo que o mundo atual pode ser considerado globalizado?

Quando pensamos em globalização, pensamos em quebra de fronteiras, união de diferentes países. E mais ainda, quando estendemos o termo para globalização cultural, pensamos no funcionamento de sociedades e tradições através de um relacionamento intercultural. Entretanto,

¹⁰ HERBJORNSRUD, 2017

¹¹ KAH, 2016, p. 150.

¹² KAH, 2016, p. 154

¹³ KAH, 2016.

qual cultura vem sendo valorizada no mundo em que vivemos? Será que a cultura africana, como um todo, tem sido colocada em seu local de valor? Há muito que pensar e refletir.

As Leis 10.639/03¹⁴ e 11.645/08¹⁵ tornam obrigatório o ensino de história da África e dos povos de matrizes africanas, entretanto, tal ensino ainda é incipiente, fragilizado e não cumpre a tarefa de valorização cultural. Então, a qual globalização cultural chegaremos mediante tal quadro?

Será que o tratamento do tema somente em dias específicos, como o Dia da Consciência Negra e da Eliminação da Discriminação Racial, abordados de forma superficial e não enriquecidos através de projetos específicos, por exemplo, tem sido suficiente para tratamento da questão?

Ainda que de maneira introdutória, nomes importantes como os de Sankara, Nasser, Fanon e outros tão igualmente notáveis e já citados neste trabalho não são sequer cogitados para abordagem de assuntos pertinentes à diáspora africana e ao tema da educação para as relações etnicorraciais! São figuras carregadas de resiliência histórica que caem no esquecimento curricular e desconhecimento cultural.

Europeização, embranquecimento e aceitação

Muitos dos países de origem africana que foram colônia de exploração durante muitos anos, enviaram seus filhos para escolas e universidades com ternos e roupas aceitas entre os brancos, entre os africanos, na tentativa de que os seus não sofressem discriminação enquanto estavam estudando. Segundo Hall¹⁶ “A identidade... costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”.

Não era visto nas universidades estudantes negros com roupas tribais ou adornos que lembrassem suas origens. Nem mesmo entre os grupos (poucos) mestiços ou hindus. Como dizia Carmichael¹⁷:

Desnecessário dizer que os povos negros estão fazendo com seus cabelos, especialmente as mulheres, colocam pentes quentes nos cabelos, alisando-os, tentando assemelhar-nos aos brancos porque o Ocidente definiu a beleza como a que lhes pertencia à mulher branca, considerada tabu.

¹⁴ BRASIL, Presidência da República. *Lei 10.639*. Brasília: 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

¹⁵ BRASIL, Presidência da República. *Lei 11.645*. Brasília: 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

¹⁶ HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p 12.

¹⁷ PEREIRA, A. M. *Do Movimento Negro à Cultura de Consciência Negra: reflexões sobre o antirracismo na sociedade brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018, p 25.

E o que era ensinado nas instituições superiores africanas? Quais eram os componentes dos cursos de graduação?

Ainda hoje podemos observar países onde as vestimentas oficialmente aceitas para ocasiões formais são europeizadas, lugares onde a representação social é mais forte, exigindo vestimenta “adequada” em prol das tribais ou culturais. Temos que isto pode ser uma tentativa de inserção em ambientes onde a cultura negra ainda é menosprezada e desvalorizada. Como um cidadão negro poderá aceitar suas próprias características, se as mesmas são inferiorizadas?

Sobre a inserção de história da África e da educação para as relações etnicorraciais nos cursos de formação de professores no Brasil

Encerramos este trabalho salientando a importância dos assuntos história da África e educação para as relações etnicorraciais nos cursos de formação de professores e nos livros de Ensino Médio, pois os mesmos atuam como produtores de conhecimento e na fomentação da cidadania. Porém, qual o motivo principal de estudar história da África? Nas palavras de Pereira¹⁸ (2012, p.17):

Além de despertar e/ou alimentar o orgulho de ser negro e recarregar baterias para a militância antirracista, a história da África oferece àqueles que se debruçarem com seriedade sobre seus conteúdos, a possibilidade de ampliarem seus horizontes, descolonizarem suas consciências e se capacitarem a compreender melhor o processo histórico que a realidade que, hoje, desafia interpretações no Brasil e no mundo. Conhecer as origens é fundamental para a ampliação da consciência social e histórica do povo brasileiro.

Ressaltamos que visões sobre o Continente Africano como romantizadas e mal situadas historicamente devem ser desconstruídas, dando lugar à uma história real e bem situada. O desconhecimento de instituições e formulações ideológicas, quando conectadas à celebrações humanistas e processos exitosos de lutas sociais e políticas, contribuem para valorização do negro, de África, de suas características e qualidades.

Referências

BRASIL, Presidência da República. *Lei 10.639*. Brasília: 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

BRASIL, Presidência da República. *Lei 11.645*. Brasília: 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

¹⁸ PEREIRA, A. M. *África para abandonar estereótipos e distorções*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação, *Programa Nacional do Livro Didático Para o Ensino Médio*. Brasília: 2018. Disponível em www.fnnde.gov.br/pnld-2018/

COSTA, R. EUGÊNIO, B. O Ensino de história da África e a produção acadêmica: o que dizem as revistas de Ensino de História no período 2003-2017? *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*. Mossoró, v.4, n. 11, 2018.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p 12.

HERBJORNSRUD, D. Os africanos que propuseram ideias iluministas antes de Locke e Kant. *Ilustríssima* – Coluna do Jornal Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/12/1945398-os-africanos-que-propuseram-ideias-do-iluminismo-antes-de-locke-e-kant.shtml.

KAH, H. K. Kwame Nkrumah e a visão Pan-Africana: entre a aceitação e a rejeição. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v.5, n. 9, p. 150-177 jan-jun, 2016.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *A Revolução Sul-Africana*. São Paulo: UNESP, 2012.

PEREIRA, A. M. *Do Movimento Negro à Cultura de Consciência Negra: reflexões sobre o antirracismo na sociedade brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018, p 25.

PEREIRA, A. M. *África para abandonar estereótipos e distorções*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.